



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

UM NOVO CAMINHO

Já vimos neste mesmo jornal que o futebol mergulha as suas raízes na actividade guerreira do ser humano e que por influência da própria evolução da sociedade, acabou por se sublimar, fazendo substituir a morte dos opositores pela entrada de golos na baliza adversária. Mas o sentido agónico das pelepas, o sofrimento das derrotas, o gozo pela vitória estão presentes nas competições e daí dizer-se que no decorrer de uma partida de futebol os instintos animalejos que subjazem no humus da psique humana costumam vir ao de cima.

Pode alegar-se que o futebol é um entretem das sociedades humanas, que um jogo não é mais que uma maneira lúdica de passar o tempo, mas o certo é que ninguém quer perder e neste *ninguém* temos que incluir tanto os actores - chamemos-lhes jogadores - como os espectadores, espectadores que não são mais que uma emanção dos primeiros e onde o estrépito emocional ultrapassa o ímpeto da corrente iniciada no recinto do jogo. Repare-se que já tem havido mortes nos estádios e elas acontecem, não no rectângulo onde se fazem os desafios, mas nas bancadas por onde se espriam os assistentes, sinal de que o climax a que ascende a competição atinge o seu ponto de fusão na zona dos espectadores.

Nos seus primórdios o futebol apresentava uma valência regionalista, e por isso ele expressava o valor atlético e a habilidade de tratar a bola dos naturais de uma certa região.

Entretanto o desejo de vitórias subverteu este cunho regionalista pelo que os grupos passaram a incluir atletas das mais variadas procedências que nada têm a ver com as terras onde os clubes se formaram nem com o nome a que estão vinculados. O critério onomástico cedeu o passo a um critério de mais valia financeira. Salvo o caso das representações nacionais onde a geografia ainda comanda as regras do jogo, o fenómeno aconteceu tanto nas primeiras como nas segundas e terceiras divisões nacionais e começa a bater à porta dos clubes ditos regionais que já estão a expender com os seus atletas 30, 40, 50 e até 60 contos. Isto quer dizer que estas equipas das regiões estão a viver com atletas de fora, o que acarreta o desapego do indigenato pela sua equipa representativa de futebol. A escalada de ordenados faz com que seja muito difícil arranjar responsáveis para gerir os clubes e o que aconteceu este ano no concelho de Esposende para a formação de listas de dirigentes desportivos é bem uma amostra elucidativa.

Fão, este ano, também correu o risco de ver esmornar-se o seu grupo representativo de futebol, exactamente porque as pessoas não queriam arrear-se. Foi então que a dialéctica da vida se impôs e os directores que foi possível arranjar retornaram aos tempos de balizas às costas. "Nós só vamos se não houver ordenados, se houver amor à camisola, se os jogos forem a feijões". A partir desta base, adoptada uma nova filosofia, arranjaram-se jogadores, conseguiram-se donativos e uma chuva de boas-vontades disponibilizaram-se para ajudar o clube a trilhar um novo caminho. Boa sorte.

Como dois escritores viram Fão

• F. SOARES GONÇALVES

À hora do almoço, quando se adrega estar por perto, o sr. Mendes, o meu motorista, que há uns anos a esta parte, já sabe dos meus gostos e preferências. Nem fez perguntas.

O "comedouro" dá pelo lindo nome de "Rita Fangureira", já muito antigo, segundo diz minha mulher, companheira das saídas, e que cresceu por aquelas bandas. É em Fão, uma terra medieval, onde não parece ter passado o tempo.

À saída da ponte sobre o Cávado, das bandas de quem vem de Viana, vira-se à esquerda na primeira cangosta. Passa-se por estreitas ruelas, onde os automóvis quase se beijam e desemboca-se no largo.

Escrito e lido por
DIAS COSTA

na Rádio Festival,
às 8.45 e 19.45 de 19-9-96

No jornal regional O Novo Fangureiro, de Fão, li uma notícia que me ajudou a saber mais e a diminuir os lamentos relativos a que nos periódicos se citam mais factos desagradáveis do que cor de rosa.

Referia a notícia que, nos meses de Julho e Agosto, a Biblioteca Municipal de Esposende foi à praia, com jornais, revistas, livros para crianças, banda desenhada e obras diversas. Por iniciativa da Dr.ª Maria Luísa, responsável por aquele organismo. Como motivo, entusiasmar os banhistas, de todas as condições sociais e culturais, a aproveitarem aqueles momentos livres para lerem. Os resultados foram entusiasmantes: refere o Fangureiro que houve cerca de 70 leitores dia, predominando os jovens entre os seis e os doze anos. Mas houve também apreciável adesão entre os adultos e pessoas consideradas idosas.

Muito agradável saber que isto aconteceu. Porque vivemos num país em que, não há muito, um primeiro ministro dizia que não lia jornais, e onde certos dirigentes desportivos e alguns políticos dizem sempre que não têm aquele jornal que refere uma notícia que não lhes é favorável. Isto apesar do slogan de que ler jornais é saber mais.

Neste apontamento, já me referi a alguns sectores profissionais. Não esqueço os jornalistas e, sem quebra de ética e de companheirismo, também posso reconhecer que, por vezes, algum jornalismo pode dar fatias de razão a políticos e a dirigentes do desporto. Mas acho que os jornalistas são os menos maus da fita. E por isso lá vão sempre aquelas conferências de Imprensa que dão jeito a quem convida. Os mesmos que, dias depois, por causa de um penalty ou de uma notícia que denuncia compadrios políticos que não servem as populações, já não falam para os jornalistas. Mas não deixam de afirmar que são estes que fazem os casos que dão notícia. Quando apenas se limitam a dar-lhes publicidade, com maior ou menor relevo, o que depende, naturalmente, dos intervenientes e de quem está, ou não disposto a prestar informações que permitam um jornalismo com rigor. Com tudo isto, reforço o meu aplauso à iniciativa da Biblioteca de Esposende. Pelo menos aquelas pessoas ficaram mais instruídas. Mais cultas. E leram. Porque, com esta moda das individualidades públicas só falaram quando lhes dá jeito, eu já não tenho a certeza se ler jornais é, realmente, saber mais.

FÃO, EM 1879, OU FÃO DE ANTIGAMENTE

“Ex.mo Senr. Director Geral dos Correios

A Junta de Parochia da freg.^a de Fão, cono^o de Esposende, Districto de Braga, tem a sua máxima honra de vir pela primeira vez a representar a V. Ex.cia, em nome do povo, commercio e industria da dita freg.^a de Fão afim de que V. Ex.cia, depois de devidam.te informado, attenta a esta justa petição e seja mais bem regulado o serviço postal do correio da fita freg.^a.

Fão, Ex.mo Senr., é a primeira freg.^a rural de todo o Districto, e, como freg.^a, uma das mais importantes do Reino; pois que tem ella oerto de 600 fôgos civís, e muito proximo a 3:000 habitantes, entre os quaes 60 capitães de navios de longo curso-15 navios, cujos proprietarios são d’esta freg.^a. – Tem finalm.te 3 grandes fabricas de calceisar cal, as unicas no Districto – uma fabrica a vapor de muagens, ferragens e fabrico de linhas – um magnifico estaleiro – 3 constructores de navios e um porto de mar. – Parte de seus habitantes cuja evocação é o commercio, estão em relações directas com diferentes nações, d’onde resulta uma activa correspondencia, além do que tem já um contegente importante de individuos, dedicados á vida commercial no Império do Brasil – e m.tos outros e não em menor escala dados á vida marítima. Tem um Professor regio d’instrução primaria para o sexo masculino – Professora para o feminino – cof.as m.to ricas – uma Misericordia e Hospital cujos fundos são já d’alta importancia – Ex.mo Senr., quando por ventura estas razões que a Junta de Parochia de sua freguesia acaba de expôr com o maximo respeito fossem diferentes poderia ella de sobejo apresentar muitas outras, como o estar a sua freguesia em contacto com trez freg.as das m.s importantes do Districto, como são: – Rio-Tinto, Fonte-Boa e Apulia cujos povos veem diariam.te á freg.a de Fão p.a receberem suas correspondencias.

A distancia de dois Kilometros d’esta freg.a fica, pelo lado do sul, a importante e florescente praia de banhos, na Apulia, aonde concorrem as primeiras familias de Barcellos, Braga, Guimarães e até do Porto, e todas estas familias tambem recebem suas correspondencias, durante trez mezes, na casa postal do correio d’esta freg.a.

Ex.mo Senr., além d’estas circunstancias, que de por si justificam a necessidade de regular melhor este ramo de serviço publico, acresce uma outra e é a confiança que a Junta de Parochia da freg.a de Fão de posita em V. Ex.cia como Inteligente e Zeloso Fiscal d’este importantissimo ramo de serviço. – Esta Junta já p.r diferentes vezes tem sido instada não só pelos povos d’esta freg.a, como de varias outras para vir respeitosa.m.te depôr nas beneficas mãos de V. Ex.cia com justa reclamação: e hoje que ella sabe que é V. Ex.cia o Primeiro a convidar todos os esforços, para adiantar e harmonizar todo o serviço postal e pôr a par das outras nações mais cultas, vem com maximo respeito ponderar a v. Ex.cia as irregularidades que constantem.te se dão, como são=as cartas expeditas do Porto, de Braga, Vianna, com data o I.^o cheguem a este correio as 3:30 h da tarde desse m.mo dia e muitas vezes m.o tarde (ás 4 h da tarde) – a mala fecha.se ás 6:30 h da tarde/havendo só duas horas p.a responder, seguindo p.a Esposende a essa hora

aonde fica em repouso até ás 7 h. da manhã do dia seguinte, chegando a correspondencia ao Porto, Braga, Vianna muitas vezes á tarde do m.mo dia, outras no dia seguinte, levando 2 a 3 dias!...

Outra=a condução da mala é feita quasi sempre por um (d’esses) dos barqueiros que está empregado, na paragem do Rio e quando (Deus quer) p.r uma creança qualquer a quem pagam a modica quantia de 40 r.s por dia: succede, porém, muitas vezes que a condução da malla é feita pelo primeiro traseunte ou viajante encontrado: e isto dá-se tanto qua coudução da mala d’Esposende p.r esta freg.a, como d’esta para Esposende, tudo p.r economia de caminho, resultando assim grande irregularidade e não pequena responsabilidade!!!

Ex.mo Senr.: ainda na estação e com estas dificuldades resultam estas irregularidades – quanto mais na estação invernosa q.do o rio Cavado fica literalm.te cheio de margem a margem p.r espaço de 2,3 e mais dias levandr uma correnteza de 6 a 9 milhas p.r hora resultando graves prejuizos ao commercio e á industria sendo como é actualm.te regulado este serviço, pois como poderá passar na estação invernosa ás 6:30 h. da tarde???

E demais, Ex.mo Senr., p.a cumulo de tanta infelicidade nossa, basta dizer-se com verdade, que ficam retidas muitas e muitas cartas no correio d’esta freg.a 4 e mais dias p.r não haver um carteiro entregador; por espaços de 3,4,5 dias!...

Não foi ha muito, Ex.mo Senr., que os povos da Villa de Esposende tiveram a graça da criação d’um carteiro; pois se para Espo.e era (preciso) necessaria tal criação muito mais necessaria se torna para esta freg.a de Fão, por ser ella muito mais importante, m.to m.s populosa e m.to mais rica, donde resulta o duplo da correspondencia da Villa de Esposende; por isso esta Junta espera

De V. Ex.cia que depois de colhidas as devidas informações deferir o que fôr da vontade e justiça de V. Ex.cia.

Ex.mo Senr. Director Geral dos Correios
Na cidade do Porto

O Presidente

Francisco Dias dos santos Borda
Vogaes

José Francisco Pinheiro
M.el Joaquim de Moraes
Sebastião dos Reis”.

O nosso prestimoso colaborador José Maria M. Vale que já é sem dúvida um rato de biblioteca, fez-nos chegar às mãos esta carta, pertencente ao arquivo da Junta. Por ela podemos avaliar a posição da terra fangueira no concelho e no distrito: assim, Fão é a primeira freguesia rural do distrito com 600 fogos (casas), 3000 habitantes (quase), 60 capitaes de navios de longo curso, 15 navios, 3 fábricas de cal (únicas no distrito), uma fábrica a vapor, de moagem, ferragens e de linhas, um magnifico estaleiro e três construtores de navios.

E quase, a final, diz que se Esposende tem carteiro, muito mais o merece Fão por ser mais importante, mais popular e mais rica de onde resulta o duplo da correspondência da vila de Esposende.

Outros tempos, meu patrãozinho.

FALECIMENTO

Já com o jornal composto, tivemos a surpreendente notícia de que na sua casa, em Esposende, faleceu o nosso prezado amigo dr. José Nobre Madureira.

No próximo número daremos notícia mais circunstanciada.

À família enlutada expressamos o nosso sentido pesar.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 — 60 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL 759 72 04 — FAX 7597206

ESPOSENDE

Por: ARTUR L. COSTA

REVISTA "FÃO A CANTAR" NO AUDITÓRIO MUNICIPAL

No período balnear de 1996 a Cooperativa Cultural de Fão tomou a iniciativa de levar à cena algumas das cantigas seleccionadas de revistas antigas. É que, em 1933 já existia o teatro de revista, como espectáculo lúdico e de actividade cultural.

Coube a Esposende receber a revista a que se chamou "Fão a Cantar", depois das facilidades concedidas pelo presidente da Câmara Municipal, Alberto Figueiredo.

Quando se fez a apresentação do espectáculo, o quarto no mês de agosto, ficou bem claro o objectivo: participação no programa "animação cultural Verão/96" e, ainda, a justificação pelo improvisado à falta de apoios oficiais, em igualdade de circunstâncias com outros agrupamentos.

Dois semanas bastaram para serem conhecidas duas versões, qual delas a mais "bacôca", como impedimento ao apoio financeiro solicitado pela organização (Cooperativa Cultural de Fão). Mas, apesar de tudo isto, — a negação foi evidente — nada impediu a exibição no "Scala" do Concelho, com as improvisações conhecidas, isto é: projecção de diapositivos em substituição de cenários apropriados; vestuário de última hora; iluminação e som excepcional a remediar e sem a publicidade que muitos desejariam: por convite formal.

Que motivos houve para teimosa discriminação, de oficiais e, não só?

Quanto a nós, deveu-se à boa vontade e bairrismo demonstrados pelos participantes, pelos coordenadores, pelos músicos, por técnicos e colaboradores que empurraram a máquina com muita força de vontade.

"Fão a cantar" veio à sede do Concelho, ao "Scala" e recebeu o mesmo tratamento que outras iniciativas culturais do exterior concelhio, isto é, 78 pessoas (inclui 5 crianças) pagaram para assistir e saíram alegres e satisfeitas, a elogiar a iniciativa e o trabalho. Como o previsto, a sala compôs-se com a chegada.

de amigos, colaboradores e acompanhantes.

E, depois disto, como reagiram os "arautos da verdade"? Supomos que deixaram no interior da sala o sentido e a mensagem, além da lição de "Fão a Cantar", não só para inglês ver, mas para demonstrar quanto vale o poder da iniciativa e da organização, mais o gosto e o respeito pela cultura e pela tradição.

REVISTA FANGUEIRA NA BIBLIOTECA MUNICIPAL

A partir de finais de Setembro a Biblioteca Municipal ficou habilitada a mostrar, por gravação vídeo, o espectáculo "Fão a Cantar".

A oferta da gravação do referido espectáculo possibilita o registo na Biblioteca de acontecimento e de actividade cultural das gentes fangueiras e, também, a faculdade de o mostrar aos seus utentes, como suporte de eventuais estudos bibliográficos ou de âmbito etnográfico.

A PRAGA DOS FOGOS NAS MATAS

O Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Esposende continua em actividade para combater os fogos nas matas do Concelho. Forjães, a freguesia mais a norte e no limite com o concelho de Viana do Castelo, foi a mais atingida, contando 34 fogos de entre os 57 a que tiveram de acudir.

Dos sinistros registados, calcula-se em 13,2Ha de área de mato e pinheiros consumidos pelo fogo e a que corresponde 132 mil m², com elevados prejuízos aos proprietários.

No decorrer do ano e até finais de Agosto, o movimento registado superou as previsões e obrigou, também, a grande esforço de homens e material. Por isso, dos números extraídos, contam-se: saídas para Vila Verde, 4; a Terras de Bouro, 2; Barcelos, Monção, V.N. de Famalicão e Guimarães, todas elas para participação no combate a incêndios.

FILIFE BANDEIRA: EXPOSIÇÃO ADIADA

Constava no calendário do Museu Municipal de Esposende uma exposição e homenagem ao Comendador Filipe José Bandeira, medalha de ouro de Mérito Municipal.

A exposição tinha abertura prevista para o

mês de Agosto passado, facto que noticiámos em Julho, considerando-se como certo o cumprimento do calendário.

Contactada a responsável do Museu, Dr.^a Ivone Baptista Magalhães, esclareceu: "Devido a problemas técnicos, entre outras dificuldades, dificultaram a exposição em tempo oportuno. Pensa-se no seu adiamento para outra oportunidade, talvez centenário, se ainda for oportuno".

Sabe-se que a família do homenageado não se mostrou interessada na colaboração solicitada. Ficou registado, todavia, a boa intenção de homenagear um grande amigo de Esposende.

ESCOLA SECUNDÁRIA ABRIU O ANO

Conforme noticiámos na oportunidade, a Escola Secundária Henrique Medina está sob o risco de despejo de pessoas e coisas, facto ainda não consumado por razões de âmbito judicial. No entanto, o proprietário do terreno, depois do Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça a dar-lhe razão, insiste na ocupação do que lhe pertence. E, a cada passo, acorrenta o portão de acesso às instalações e dificulta o funcionamento normal da Escola.

No dia 23 de Setembro findo, quando do início do ano lectivo, mais corrente e respectivo cadeado dificultou o acesso às instalações, problema resolvido com a presença da autoridade policial que desfez o nó do portão e franqueou a entrada de toda a gente.

Entretanto, a população da Escola atingiu 2000 alunos, número ligeiramente superior em relação a 1995, por efeito de novas inscrições, sobretudo, de emigrantes e de transferências.

Até ao momento não são conhecidos incidentes e a Escola funciona com normalidade.

ENSINO BÁSICO COM NOVAS INSTALAÇÕES

Teve início em 25 de Setembro, o novo ano escolar do 1.º Ciclo do Ensino Básico de Esposende que ocupa as novas instalações junto à Escola Preparatória.

A partir deste ano lectivo, as crianças a frequentar o antigo ensino primário, têm nova "casa"; seis salas de aulas em boas condições de ensino, uma para os professores; outra de Ensino Especial de apoio permanente; outra para serviços administrativos.

Devido à escassez de salas, o 1.º Ciclo do Ensino Básico mantém-se em regime de funcionamento duplo, esclareceu a Delegada Escolar, Prof.^a D. Amélia Neiva. Aliás, diria, ainda: "nem se imagina o peso que tiramos da cabeça. O edifício das Escolas Rodrigues Sampaio está em completa ruína. Foram totalmente abandonadas".

De facto, após um tígígio com a Escola Preparatória, a pretexto de insuficiência de instalações, obrigou à intervenção de técnicos da DREN (Direcção Regional de Educação do Norte) e o problema acabou por ser resolvido a contento.

É reconhecida a situação de insegurança das antigas instalações e que a Câmara Municipal providenciou na adaptação do corpo principal da antiga Escola Preparatória para o Ensino Básico, projecto em que já lá vão cinco anos.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL APROVOU EMPRÉSTIMOS PARA FINANCIAMENTOS

No dia 27 de Setembro a Assembleia Municipal de Esposende discutiu e aprovou quatro propostas do Executivo Municipal, entre as quais dois pedidos de empréstimo para financiamento de obras.

O período da ordem do dia incluía o novo regulamento dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento, em consequência da alteração governamental que elimina a cobrança de mínimos de consumo. Das alterações propostas, foi introduzida a alternativa à nova legislação, sendo aprovada.

Outra das propostas discutidas, foi o Plano e regulamento anexo de Urbanização da Zona Industrial de Esposende que engloba as freguesias de Gandra, Marinhãs e Palmeira de Faro. A proposta foi aprovada por maioria.

As propostas de pedido de empréstimo à C.G.D., para financiamento de obras na piscina municipal, ainda em construção, e o abastecimento de água a Gemeses, tiveram discussão quente. Enquanto esta proposta foi aprovada por unanimidade, a anterior levou o PS a apresentar um requerimento a pedir a documentação a justificar o pedido de empréstimo e a análise da proposta; incluiu uma proposta de adiamento da discussão e votação para futura Assembleia. O PSD protestou e requereu o indeferimento. O requerimento do PS veio a ser rejeitado por 28 votos contra e, a favor três. Os esclarecimentos do presidente da Câmara Municipal fundamentaram-se em medidas de gestão autárquica e pela oportunidade, sendo aprovada a proposta de pedido de empréstimo por 23 votos a favor e três contra.

A reunião abriu com muita azáfama. As discussões, os ataques partidários, as situações de conflito levaram alguns deputados a fazerem mútuas acusações de "arruaceiros", "herdeiros e vezeiros" e de "useiros e vezeiros" em atitudes, onde a ética tem sofrido tratos de polé. E, nesta Assembleia, gastaram-se duas horas!

Quanto à insistência de períodos destinados ao público, é indistigável: já basta o comportamento dos deputados municipais.

O BOM JESUS DE FÃO

Por CARLOS MARIZ

(CONTINUADO)

CONFLITO SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DAS OBLAÇÕES

A 10 de Outubro de 1736, o reitor, Reverendo Simão Gomes Varela disse ao Juiz do “ano passado que naquela manhã levasse os livros para a Capela para rever as contas...”. Não foi possível avisar todos os mesários e alguns foram ao mar. Apareceram o Juiz do ano 1735/36 - Luís João e o de 1736/37 Lourenço Francisco da Cruz e respectivo Procurador Padre Domingos Salgado e Escrivão Padre José das Neves Costa.

O Reitor recusou “rever as contas por não se achar presentes todos os oficiais do ano passado”, que eram: Escrivão Manuel Freitas Cabral, Tesoureiro Francisco Ribeiro e Procurador João Leite. Não admitiu também a presença do Escrivão de 1736/37 e exigiu que o mesmo saísse da Capela e lhe entregasse os livros. Este recusou-se a obedecer à ordem do Pároco “por razão que lhe estavam entregues, e como tinha com os oficiais desse ano passado as contas havia de estar presente a elas o que ouvindo o Rev.do Pároco começou e continuou em vozes alteradas que saísse o dito Escrivão para fora lhe largasse os livros e por o dito Escrivão o não querer fazer, não quiz o Rev.do Pároco rever as contas e se foi embora” (1).

A requerimento do Pároco a Mesa foi obrigada a apresentar os Livros das Contas no Juízo de Resíduos, em Braga, por despacho do Visitador, que em 1736 visitou a Igreja de Fão. A Mesa requereu fossem nomeados os Doutores Desembargadores António de Novais Magalhães Pereira e Joaquim de Oliveira Coutinho para tomas as contas em Fão. Estes vieram a Fão e depois aprovaram as contas em Braga a 1 de Dezembro de 1736. O Juiz de Resíduos deu despacho a 2-12-1736: „Não proceda o Rev.do Pároco contra os suplicantes vendo o que consta do Livro que me apresentaram” (2).

ABERTURA DO CAIXÃO DAS ESMOLAS INCIDENTE

Durante o ano de 1735 o caixão das esmolos não foi aberto em virtude do Pároco não dar a sua chave.

A 22 de Novembro de 1736 o Doutor Desembargador António de Novais Magalhães Pereira visitou a Capela do Bom Jesus e mandou chamar o Padre Simão Gomes Varela “para reabrir o caixão das esmolos na presença de ambos e estando alguns oficiais da Irmandade presentes se achou nele em dinheiro mil e duzentos e pão que se achou por incapaz se não faz menção por estar feito em farinha e orgulho porém ele Desembargador mandou medir e se achou ser oito alqueires e meio de milho, trigo e centeio que se não aproveitou por estar todo destruído em farinha por se não ter aberto o dito caixão”.

Os Ministros Desembargadores condenaram o Pároco no valor do pão em causa

para o Bom Jesus por a destruição ter acontecido em virtude do Pároco não ter dado a chave “o que em sua presença não chegou...” (3)

Daí em diante, não assistindo à abertura deste caixão o Pároco mandava a sua chave, pelo que o caso não mais se repetiu.

O reitor deixou de presidir à eleição das Mesas, por se recusar a fazê-lo, bem como à prestação de contas. O Padre Cura também não o fazia, embora estivesse presente à eleição de 2-5-1738, declarando não representar o Pároco, mas, no entanto, presidiu à eleição de 2-5-1739 em representação do Pároco.

Na acta da eleição de 2-5-1745 consta “...sendo chamado da parte da mesa, para vir presidir, pelo procurador Luís João disse o Reverendo Pároco que não ia lá, e que os da mesa se puzessem em um pau...”.

Em 1742 mais uma vez o Padre Simão Gomes Varela requereu o exame às contas, apesar de estarem devidamente aprovadas.

Veio a Fão o Doutor Desembargador Juiz dos Resíduos, Tomaz de Araújo Brito, que verificou as contas da Irmandade, no que gastou dezanove dias.

A Irmandade dispendeu com a hospedagem do inquiridor 36.190 reis (4).

Este aprovou as contas em 23-9-1742 em São Martinho de Gandra, na residência do Reverendo Manuel Vieira da Rocha. Detectou dois erros em contas anteriores, pelo que os tesoureiros tiveram que entrar com 8.735 reis.

1745/46 – Consta das contas o pagamento de 25.600 reis ao Desembargador António Barbosa Goez e seu escrivão e meirinho, que por acordão da Relação veio a Fão, na causa pendente com o Reverendo Pároco sobre a administração das oblações (4).

E, nas contas de 1742/44 aparece a verba “De uma justiça régia e seus gastos sobre embargos em Barcelos e Relação do Porto, sendo parte o Reverendo Pároco, em cujo preito até final sentença se dispendeu 40.000 reis” (4).

Em 1747/48 consta a verba “Cartas da Causa da Execução de Braga na causa pendente sobre administração das oblações e ofertas que se acha circunscrita (5) pelo óbito do nosso Pároco 5460 reis” (4).

A todas estas verbas há que acrescentar as despesas feitas com alguma das cavalgaduras para transporte dos mesários, por muitas vezes, ao longo destes anos, a Barcelos e Braga, para tratarem das contendas com o Pároco. Houve também muitas despesas com refeições e hospedagens em Braga.

NOTAS: 1) Certificado passado pelo Padre Domingos Salgado a 11-10-1736, anexo às constas. 2) Requerimento anexo às contas. 3) Termo redigido pelo Padre José das Neves Costa e assinado pelos Visitadores, nas contas. 4) Compare-se cada verba com o custo, na época, de um almude de azeite - 6.000 reis; dois carros de telhas 2.000 reis; Missa rezada pelo Pároco 80 reis. 5) Encerrada.

Onde pára o capital da Cantina “Joaquim Mariz”?

Na secção “Notícias”, a páginas 11 do n.º 148 de “O Novo Fangeiro” vem a pergunta: “Onde pára o capital”?

O capital para formação da cantina “Joaquim Mariz” foi entregue, na altura da sua fundação, à Junta do Crédito Público, para ser passado um Certificado de Renda Perpétua, que tinha o n.º 37.

O capital era de 350 contos e rendia anualmente 14.000\$00.(1)

Em 1990 esteve em Fão o Embaixador Doutor Vasco Mariz, que estranhou que a Cantina estivesse transformada em centro de Saúde.

A seu pedido contactei a Direcção da cantina, na pessoa do seu Presidente, doutor Joaquim Peixoto, que me referiu já não recebiam a renda há tempos.

Como as diligências que fiz junto da Direcção Escolas, em Braga, não foram conclusivas, dirigi-me à Junta do Crédito Público, que pelo ofício n.º 7229, de 15-3-1989, esclareceu que o certificado de Renda perpétua n.º 37, de que a cantina de Fão era titular, fora averbado o favor da Câmara Municipal de Esposende, nos termos do decreto-Lei n.º 399/A/84, de 28/12 e que este diploma “extinguíu as cantinas existentes e transferiu o seu património para os respectivos municípios com a obrigação da aplicação dos seus rendimentos em acções de alimentação nos refeitórios escolares”.

O averbamento fora pedido pela C. M. de Esposende em 9 de Fevereiro de 1989, pelo ofício n.º 80.

A Junta de Crédito Público remeteu o certificado em causa e a Ordem de Pagamento n.º 364, de 14.000\$00, ao Chefe da Repartição de Finanças de Esposende, em 15-3-1989, com ofício n.º 7229.

O n.º 3 do artigo 19 do Dec.-Lei 399-A/84 extinguiu as Comissões Administrativas e direcções das Cantinas.

Os artigos 4.º e 7.º do referido diploma atribuíram às Câmaras Municipais a competência para organizar refeitórios nas escolas e sua gestão.

Deste facto dei, então conhecimento ao Dr. Joaquim Peixoto, Presidente da Junta de Freguesia e, claro, também ao filho do benemérito doador.

CARLOS MARIZ

NOTA: (1) Equivalia a uns seiscentos contos actuais.

CÂNTICO FRUSTRADO

*Num beco sem saída e tão estreito,
Sem estrelas nem pássaros no ar,
Sem ter a quem a esmola mendigar...
Como versar o mar tanto a preceito?...*

*Forte e cruel dor sinto no meu peito,
Por ter asas e não poder voar,
E por ter voz e não saber cantar
A beleza do mar, por não ter jeito!*

*À Musa da Poesia, assim eu clamo;
Pelos ventos do mar, em vão, eu chamo;
Nem o vil pó do beco abre caminho!...*

*Apenas uma brisa passageira,
E de Deus, certamente mensageira,
Sacode as minhas penas, com carinho!...*

FLORINDA ALMEIDA

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! Cá estamos no Outono! Para trás ficou o Verão e a lembrança agradável das férias, que sabem sempre a pouco... agora, é o "arregaçar as mangas" para mas um ano de trabalho, que desejamos seja proveitoso.

MONÓLOGO

Por CARMEN LUZ

Pois é. Que se há-de fazer? Os adultos têm o seu mundo e nós o nosso. Às vezes consegue-se uma ponte de aproximação, outras não. É pena.

Chamam-me "bicho do mato" por eu não alinhar numa conversa fácil, ser metida consigo. Não lhes ligo. Eles não sabem. Não podem saber.

Eles não sabem o que é nunca ter conhecido mãe, nunca ter estado aconchegada nos seus braços, conhecer o sabor do seu regaço. Eu nunca estive no colo da minha mãe. Criada por uma tia dedicada e complacente, mas idosa e desligada dos problemas de solidão da

minha infância e, agora, da minha adolescência.

Cá os vou vivendo como posso. Serei "bicho dos matos", mas fraca é que não sou. Vou à luta. Já várias vezes, no outro ano e neste, a Mónica, minha colega, me tem sugerido uns "choros", para, como ela diz, dar a volta por cima. Ela tem problemas em casa e diz-me que isso ajuda.

Mas não. Não quero. A droga poderá ser agradável, ajudar a esquecer, talvez. Mas é uma covardia recorrer a ela para resolver situações. No fundo, é um pretexto, um alibi, para desculparmos a nossa falta de coragem perante os problemas. Por isso não quero e digo como um poeta que ouvi há tempos na TV: *Só sei que não vou por aí!*

PAUSA PARA SORRIR

Uma senhora, dona de uma casa senhorial, rodeada de lindo jardim, tinha um jardineiro e um ajudante para lhe tratarem dele, mas não admitia sequer uma folha no chão. Eles tinham de estar sempre atentos, para que, quando ela descia ao jardim, este estar impecável, senão ouviam grandes ralhos e ameaças de despedimento.

Um dia, a carroça dos leiteiros entrou lá, e o burrico deixou no chão um enorme "presente".

Como estava quase na hora da dona da casa vir ao jardim, como era habitual, e demorava tempo a limpar "aquilo", até por causa do cheiro, o jardineiro disse aflito ao ajudante:

— Vai buscar um balde de água, o sabão e tudo o mais, que eu vou já dar parte disto à senhora!

Irónico, e dando outro sentido à expressão "dar parte", o ajudante responde, com um sorriso:

— Eu, cá por mim, dáva-lho todo!

Um homem embriagado está parado no passeio, com uma chave em riste, na mão.

Um guarda estranha e a aproxima-se:

— Então o senhor não se resolve a meter a chave na porta?

— Ainda não — responde o bêbado. — Como as casas estão a girar, estou à espera que passe a minha e só então meto a chave.

MEMÓRIA

*Caminho só sobre essas pedras molhadas.
Penso e tenho saudade dessas eras passadas
Em que o tempo eras tu e eu.*

*Em que a Lua se acendia para nós
E a noite, silenciosa, ouvia a nossa voz,
E o meu suspiro juntando-se ao teu.*

*Apetece-me sentir-te, abraçar-te eternamente
Para abrandar esta dor permanente
Que me invade e queima sem dó.*

*Anseio por esse tão esperado momento
Em que a minha utopia virá com o vento
E não mais estarei só.*

*Na noite nua choram os meus olhos
Que por consolo têm apenas os folhos
Dessa fria e vazia cama.*

*Mas no meu corpo ouve-se uma melodia
Só de pensar que talvez um dia
O meu ser encontrará quem ama.*

MARTA MARIA MENDES
(18 anos)

AROMA HÚMIDO

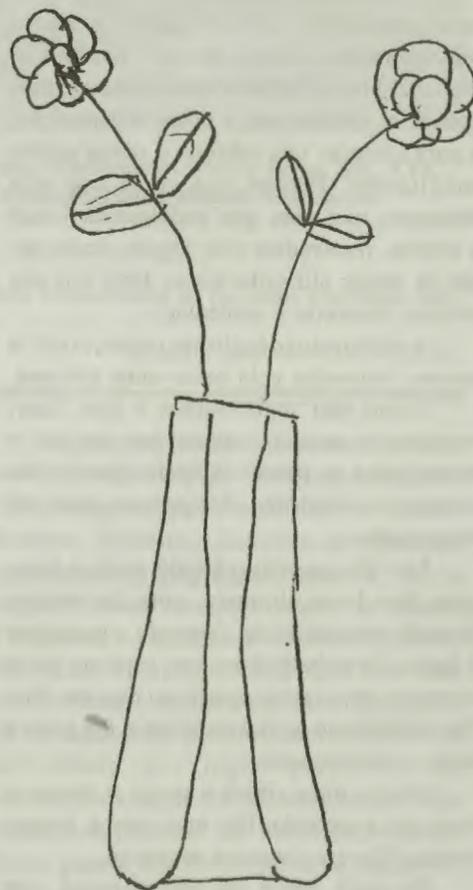
*Invade-me um aroma fabuloso
É de noite estou só
Talvez por isso
O aprecie em toda a sua totalidade!*

*É algo de eloquente,
Amargo ou sensual
Mas faz-me sentir a liberdade,
Que mais se pode pedir de um perfume?!*

*Cai a chuva
Que molha a terra seca de Verão
E dá-lhe a frescura como sensação!*

*Só a chuva húmida
Que cai sem estação
Me faz sentir toda a libertação!*

FILIPA MAGALHÃES
(18 anos)



Desenho de JOANA SÍLVIA (7 anos)

O SENTIMENTO DOS ANIMAIS

Enquanto pequeninos, os nossos avós costumavam contar-nos histórias que começavam quase sempre assim:

“No tempo em que os animais falavam...”

Depois seguia-se uma história que tinha como intervenientes animais que falavam, e quase sempre esses animais nos davam lições de comportamento.

La Fontaine escreveu as suas fábulas, pondo palavras na boca dos animais para que estes pudessem dialogar e para que os humanos tirassem ensinamentos do seu comportamento.

Mais tarde vieram os desenhos animados que também tinham essa finalidade, com destaque para Walt Disney que entre outras figuras criou o Rato Mickey que passava a vida a perseguir ladrões.

Mas tudo isso não passa de ficção. Toda a gente sabe que os animais não falam. Mas isso não quer dizer que os animais não tenham outras formas de se manifestar.

É sabido o quanto um animal pode ser afectuoso e dedicado ao seu dono, e quanto pode ser agressivo se o tratarem mal.

Durante a minha vida assisti a algumas situações com animais que me deixaram perplexo e que por isso vou aqui contar.

A roça Bom Destino em Angola era uma propriedade agrícola que se dedicava principalmente à cultura do café. Existiam lá muitas cabras, à volta de duas centenas, mas apenas se destinavam à nossa alimentação, e para oferecer uns cabritos a quem no-los solicitavam. Porcos, era coisa que não tínhamos, mas para que pudéssemos variar a ementa, resolvemos criar alguns. Andavam por lá soltos alimentavam-se bem e o seu número começou a aumentar.

A determinada altura começaram a morrer, vitimados pela peste suína africana.

Como não soubéssemos o que fazer, resolvemos mandar construir um cercado e meter todos os porcos lá dentro para evitar contactos exteriores. Os porcos eram ali alimentados.

Um dia, quando o criado abriu a porta para lhes levar alimento, uma das porcas investiu com violência, forçando a passagem e fugiu. Os trabalhadores que estavam perto correram para tentar agarrá-la, mas em vão. Ela embrenhou-se nos cafesaís e daí para a mata e desapareceu.

Nunca mais vimos a porca e demos o caso por encerrado. Era mais porca, menos porca. Não era desgraça nenhuma.

Passado cerca de uma semana, um porco, mal o criado entreabriu a porta, forçou a passagem e fugiu. A perseguição

não resultou e ele meteu-se na mata. Já eram dois porcos perdidos e o criado não escapou a uma repreensão verbal.

Ao cair da tarde daquele dia começávamos a ouvir os roncões característicos do porco vindos do lado da mata. Ficamos na expectativa e não demorou muito para que aos nossos olhos surgisse um espectáculo maravilhoso, que eu tenho muita dificuldade em descrever.

O porco e a porca, os dois lado a lado, protegiam a sua prole de meia dúzia de bacorinhos, que haviam nascido na mata. Caminhavam pachorrotamente em direcção ao curral, onde entraram livremente.

Conclusão. O porco estava por certo preocupado com a sua companheira, que sabia ter ido ter as suas crias, e sabia os perigos que ela corria na mata. Assim, logo que pôde, correu para a ir buscar para lugar seguro.

Palavras para quê?

José Ramos da Silva

COBARDIA

*Os jovens que não têm ilusões,
São como roseiral que não floriu,
A seiva nova que nunca subiu,
Rouxinóis que esconderam as canções.*

*Água parada da ribeira pura,
Que apodreceu ainda na montanha,
Deixando sem perfume e sem frescura,
As margens duma vida que não banha.*

*Um novo sol, mas logo no nascente,
Envolto em nuvens densas, carregadas,
Aurora a recordar um sol poente,
Fogo com labaredas apagadas.*

*Juventude sem cor, desiludida:
Timoneiro cobarde que não quis
Levar ao porto um barco tão feliz
E criar um herói na sua vida.*

DINIS DE VILARELHO

Como dois escritores viram Fão (Cont. da pág. 1)

Aí está a “Rita Figueira” à nossa ilharga a fazer ângulo com a praça o “Clube Fãoense” – uma lápide diz 1900. Na outra, um palacete de azulejos azuis e brancos e de cuja frontaria desapareceu o letreiro “vende-se”. Mais adiante, a Igreja da Misericórdia, templo muito antigo, com as armas reais sobre a porta principal e um nicho com a imagem da Virgem, em pedra.

Subida as escadas, a sala de dejejudo sobriamente decorada com motivos de Fão e a receber um jovem casalinho de sorriso franco e convidativo.

Em Restaurante, junto ao mar, não pode faltar na “carta” o peixe, desde o robalo assado no forno, à tainha, à solha até à lampreia na sua época de deglutição. Como as carnes a destacar o “Bife à Moda da Casa”.

Chego, e um ou outro membro da família, já sabe o que vou degostar. Filetes de polvo, tenros como manteiga que qualquer bebé desdentado apreciaria e não duros como as solas da Nau catarineta, com arroz seco e batatas aos palitos.

Fico consolado, como Frade de Convento e para apaladar um Reguengo, colheita especial.

A sobremesa é de regalar. As Clarinhas, um pastel com recheio de chila, polvilhado com açúcar moído e farinha que obriga a sacudir as lapelas do casaco e os folhadinhos com recheio de ovos moles, estaladiços, a desfazerem-se na boca.

José Saramago em “Viagem em Portugal” escreveu:

“(…) É desafogado o caminho para Fão e Ofir, e, certamente nestes lugares haveria motivos para demora, porém, o viajante tem andado por medievais terras, pesa-lhe este bulício turístico, o cartaz dos imobiliários, o anúncio do snack-bar (abominação que veio riscar dos costumes portugueses o saboroso vinho e petiscos, que honradamente diz logo quanto vale)...”

Dou-lhe razão. Mas, se tivesse passado pelo interior de Fão e se amandasse à mesa da “Rita Figueira” outra coisa teria escrito o consagrado escritor.

No livro que me acompanha, quando bordejo pela orla marítima “Os Pescadores”, escrito em 1923 por Raúl Brandão não é muito “caridoso para Esposende, a sede do concelho quando escreve:

“(…) Logo adiante é o areal africano da feia Esposende, terra da beira-mar, de onde não consigo ver o mar, terra de tristes pescadores. As redes de arrasto deram cabo do peixe matando a tradição...”

E de Fão, esta breve referência:

“Do outro lado do Cávado é Fão, onde surpreendo de passagem uma linda alameda de árvores, e logo a seguir a estrada que deita a caminho para a Póvoa de Varzim. Nestas terras rasteiras sente-se a atmosfera marítima. O milho é anaíno e as árvores agacham-se para suportar o vento...”

Passo depois, pelo interior de Esposende e não encontro, como noutros tempos, a “ramalha” figura do escritor, Manuel da Boaventura um dos mais conhecidos “contadores de histórias minhotas”, ali sentado na Nélia.

Para o cumprimentar, terei de passar pela sua sepultura em Vila Chã, onde reside há vinte anos.

Que saudade extrema!

A HERANÇA DE RAULUCHANTIM EXPOSIÇÃO NO MUSEU DE S. ROQUE - LISBOA

É muito frequente ouvir dizer-se que “Portugal deu novos mundos ao Mundo”. Na verdade, no dealbar do século XVI, os Portugueses tinham chegado ao Sul do continente Africano, à Índia, ao Brasil.



COFRE – Índia. Filigrana de Prata. Séc. XVII. 96x12x72mm.
Colecção Pádua Ramos. Matosinhos

E se na África e no Brasil encontraram nativos mais facilmente domináveis pelo seu rudimentar estado civilizacional, na Índia depararam com uma civilização multissecular com uma apreciável cultura. Daí a dificuldade da conquista portuguesa, que se limitou a pequenos enclaves na orla marítima e mesmo assim à custa de árduos combates e da perda de muitas vidas.

Entrados, depois, na pacificação, deu-se o encontro das duas culturas: a nossa, de matriz europeia, eufórica e rica, e a indiana, de influências persas, japonesas, etc., não menos rica, mas com o requinte e a subtilidade do Oriente.

E Lisboa rendeu-se ao encanto dessa arte.

Artistas e artífices indianos passaram a trabalhar para satisfazer as encomendas portuguesas. É o caso de Rauluchantim, ourives indiano que permaneceu dois anos em Lisboa, executando trabalhos para a Corte, a Nobreza e a Igreja.

Após a política de miscigenação levada a cabo por Afonso de Albuquerque, que esteve na origem do grupo étnico luso-indiano, desenvolveu-se uma arte luso-indiana, ponto de encontro de dois sentidos estéticos que se amoldam e interpenetram com resultados de rara beleza e harmonia.

A Exposição acima referida permite apreciar a feliz combinação das formas com o exótico requinte dos materiais: madrepérola, tartaruga e outros, combinados com ouro, prata e pedras preciosas.

Arte profana e arte sacra, cofres, caixas, cruzes, custódias, em tudo se descobre um toque de fascínio.

Os cofres sucedem-se, em iridiscências verde e rosa ou no brilho acetinado do metal, trabalhado caprichosamente.

É um deslumbramento, ao qual associamos com muito gosto o nome do nosso “quase-conterrâneo”, Arquitecto Pádua Ramos, pois algumas das mais belas peças expostas são da sua colecção particular, que cedeu com a disponibilidade de sempre, para a Exposição.

Destacamos um cofre revestido a “massa negra” com embutidos de madrepérola, que figura na mostra com o n.º 20, e que no catálogo aparece descrito por José Jordão Felgueiras como “um dos mais belos representantes dessa tipologia”.

Também queremos realçar uma cruz peitoral de filigrana de prata, século XXVII, que é de uma graciosidade e delicadeza que a decoração rica e sinuosa não prejudica.

Por último, um cofre de prata filigranada, tampa trilobada (de influência árabe) que parece falar-nos de documentos que guardou, secretos e antigos. E um outro, em que a filigrana caprichosa sugere uma renda. E uma taça de prata e corno de rinoceronte que alia ao exotismo do material a opulência da forma.

Mais uma vez Fão se orgulha. É um artista com profundas ligações fangueiras e cujo nome é cada vez mais admirado e respeitado nos meios culturais portugueses e estrangeiros, e cujas colecções são cada vez mais solicitadas para enriquecer Exposições, cá e lá fora.



COFRE – Índia-Guzarate. Madrepérola, Teca e Prata. Séc. XVI.
154x253x130mm. Colecção Pádua Ramos. Matosinhos

Por isso, está o Arquitecto Pádua Ramos de parabéns. E o nosso meio artístico está mais rico.

MARIA EMÍLIA CORTE REAL

PELO FUTEBOL

Não há dúvidas de que desta vez a coisa (futebol) esteve por um fio. No entanto houve gente que não se conformou e um deles foi o Eusébio. Virou-se para a Assembleia geral e disse: Arranjem-me quinhentos contos e eu arranjo direcção. E assim foi: o dr. Armando Saraiva (Presidente da Assembleia Geral), António Viana (Secretário) e José Luís Ribeiro (na altura, indigitado para a direcção) vieram para a rua, bateram a algumas portas e em breve conseguiram a promessa (de quem não costuma falhar) de mais de dois mil contos. E pronto conseguiu-se um quadro

director que ficou assim constituído: *Assembleia Geral*: Presidente - dr. Armando Saraiva; Vice-presidente - Luiz Viana; Secretário - António Viana. *Conselho Fiscal*: Presidente - Adelino Saraiva; Secretário - Óscar Viana; Relator - António Teixeira Dias. *Direcção*: Presidente - Júlio Graça do Vale; Vice-presidente - Domingos Araújo Ferreira; 1.º Secretário - Gustavo Ernestino Gomes da Costa; 2.º Secretário - Manuel da Mota Lopes; 1.º Tesoureiro - Sílvio dos Santos Fernandes; 2.º Tesoureiro - Luís Ferreira da Silva. Vogais - José Carlos Rodrigues Pinto, João José Soares Pedras, Marco Aurélio Silva Fonseca, Feliz Brandão Ferreira, Manuel Alberto Rolo Cardoso, José Luís da Silva Ribeiro e Júlio Devesas Sá Pereira.

A primeira coisa a implantar foi uma nova filosofia de jogo. Nada de ordenados. Treinos pagos e prémios de jogos só quando houver dinheiro. Pensava-se que não aparecessem jogadores para o “novo regime”, mas surgiram mais de trinta. Praticamente jogadores só de Fão. Apareceu um moço de Apúlia e dois da Póvoa mas sob o mesmo “regime”. Agora os fangueiros já vão comparecer em maior número na assistência aos jogos pois vão ver conterrâneos jogar. No desafio com o Vila Verde a assistência foi muito satisfatória. Reina grande entusiasmo entre os jogadores,

PELO FUTEBOL

(Continuado da pág. 7)

entusiasmo que se propagou aos directores que têm trabalhado a valer. O campo de jogos já foi arranjado nas partes mais necessárias nomeadamente, as balizas e balneários.

O treinador é igualmente um fangueiro e é um dos nossos, exactamente o nosso redactor desportivo João Pedras. E com que entusiasmo ele treina e dirige os jogos!...

As firmas fangueiras e dos arredores não tem falhado com as suas ajudas. Temos a registar as ofertas de Brochado e Ferreira: material desportivo; Zé Albino: meias e calções; Alberto Rolo: equipamentos; António Carreira: material desportivo; Celestino Cubelo: roupas para a prática do desporto; Damicar: roupas para desporto; Hospital de Fão: cobertura medicamentosa, consultas, tratamentos e uma carrinha à disposição; Pacha: a amizade de sempre.

FÃO, 0 - VILA VERDE, 0

Criou muita espectiva este jogo entre David e Golias pois tratava-se de um embate entre um sério pretendente à 3.ª Divisão Nacional e uma equipa que apenas pretende ficar onde está. A maioria dos rapazes novos com aqueles que já são veteranos conseguiu travar os ímpetos da equipa de Vila Verde que entrou em campo disposta a tudo. O Fão, ainda com poucos treinos, mas com muita força anímica, lá foi conseguindo tatear o jogo, manter um certo equilíbrio até que o intervalo chegou com os contendores empatados a zero golo. Na 2.ª parte os vila-verdenses reforçaram o ataque pois o seu objectivo era a vitória. Entretanto o grupo da casa reforçou a defesa e viu dois jogadores seus serem substituídos por se terem aleijado.

Na frente de ataque fangueiro Tiago revelou-se combativo e persistente, apesar de vir de uma lesão. A defesa fangueira manteve-se atenta, muito determinada e

certinha e assim o resultado zero a zero manteve-se até ao fim. Empatamos com uma das melhores equias do campeonato o que é motivo de contentamento. Cria-nos esperança para os próximos encontros, esperando-se que s fangueiros apoiem a sua equipa que se apresentou humilde mas entusiasta.

O Fão alinhou com Ramalho; Zé Monteiro, Cristiano, João André e Pedro campos; Luís Morim, Moisés, Capitão e Artur Hipólito; Tiago Cubelo e Pedro Simões.

Entraram ainda os suplentes: Pedras e Alfredo. Estiveram ainda como suplentes mas não foram utilizados; Marco Aurélio, Quim e Manuel. O capitão da equipa foi Pedro Campos.

No passado domingo, dia 7, o C. F. de Fão foi a Dume jogar com o clube local. O resultado foi 1 a 0, favorável ao grupo da casa.

De qualquer modo os nossos jogadores equilibraram a partida e as grandes cabazadas que se temiam que o Fão viesse a apanhar não se tem verificado.

SECRETARIA NOTARIAL DE BARCELOS

JUSTIFICAÇÃO

Certifico que, por escritura de 4 de Setembro corrente, exarada a fls. 21 verso e seguintes, do livro de notas n.º 200-B, do 1.º Cartório, desta Secretaria Notarial, IRENE SAMPAIO DA ROCHA, divorciada, residente no lugar da Pedreira, freguesia de Forjães, concelho de Esposende, DECLAROU O SEGUINTE.

Que é actualmente com exclusão de outrém, dona e legítima possuidora do seguinte prédio: "Casa com um pavimento, destinada a habitação, com a área coberta de setenta e quatro metros quadrados, dependência com a área de trinta e seis metros quadrados e logradouro com a área de mil duzentos e vinte e quatro metros quadrados", situado no lugar da Pedreira, freguesia de Forjães, concelho de Esposende, que confronta do norte com caminho, do sul com herdeiros de António Ribeiro Sampaio, do nascente com Manuel de Azevedo Torres e do poente com António Joaquim Pereira da Rocha, não descrito na Conservatória, inscrito na matriz predial urbana sob o artigo 743, em nome da justificante, com o valor tributável de 83.538\$00 e a que atribui o valor de duzentos mil escudos.

Que ela adquiriu o aludido prédio por doação meramente verbal que lhe foi feita por Maria Dolores Faria Sampaio e marido António Joaquim Pereira da Rocha, residentes que foram na dita freguesia de Forjães, por volta de mil novecentos e setenta e três, não chegando todavia a realizar-se a projectada escritura de doação.

Que a justificante não dispõe de título para efectuar o registo deste prédio na Conservatória, embora sempre tenha estado há já mais de vinte anos, na detenção e fruição do citado prédio.

Essa detenção e fruição foi adquirida e mantida sem violência, e exercida sem interrupção ou qualquer oposição ou ocultação de quem quer que seja, de modo a poder ser conhecida por todo aquele que pudesse ter interesse em contrariá-la.

Essa posse assim mantida e exercida, foi-o sempre em seu próprio nome e interesse e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento de todas as utilidades do prédio, designadamente habitando-o e pagando os respectivos impostos.

É assim tal posse pacífica, pública e contínua e, durando há já mais de vinte anos, facultando-lhe a aquisição do direito de propriedade do dito prédio por USUCAPIÃO, direito que não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Nestes termos, e não tendo qualquer outra possibilidade de levar o seu direito ao registo, vem justificá-lo, nos termos legais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Barcelos, 5 de Setembro de 1996.

O Ajudante,

Assinatura ilegível

Amândio Caramalho

Do Brasil onde se encontra radicado, veio passar uns dias a Fão, embora em trânsito para Ávila, Espanha, o nosso prezado amigo e amigo de "O Novo Fangueiro", Amândio Caramalho.

Como fãonático que é, A. Caramalho é um grande embaixador de Fão em terras de santa Cruz. Em companhia de sua esposa deslocou-se a Espanha. Vamos a ver se no seu retorno será possível dedicar-lhe uma *noite fangueira*. Seria o máximo. E Amândio Caramalho pelo seu fangueirismo à flor da pele, bem o merece.

Para já que seja benvindo!

Em caso de dúvida
nalguma palavra
deste jornal,
dedique-se por uns momentos
a outra leitura.



7ª Edição. Mais completa e actualizada.

PORTO EDITORA

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



SILOS, ENSILAGEM E SILAGEM

5. Tipos de silos:

Existem vários tipos de silos, mas os de mais interesse são os silos tipo trincheira, pois os mais difundidos e vulgares. Estes silos são de construção relativamente económica, pois a noção de que deviam ser totalmente enterrados está ultrapassada e dependem muito da configuração dos terrenos onde são feitos. É suficiente que os silos tenham só um dos topos metidos na terra de maneira que o bordo superior desse tipo fique ao nível do terreno.

O perfil de construção destes silos deve ser ligeiramente trapezoidal com 7 a 8% da inclinação das paredes, no entanto não há grandes inconvenientes se as paredes forem verticais.

Quanto mais profundidade tiverem os silos e mais inclinadas forem as paredes, mais forte terá de ser a construção destas. As paredes e o fundo devem ser impermeáveis à água para que não haja grandes infiltração de humidade do solo para dentro da forragem.

O fundo do silo deve ser duplamente inclinado em todo o seu comprimento para o rego central, ou para dos regos laterais (um de cada lado).

O fecho da boca do silo pode ser feito com pranchas de madeira, ou de outro material leve e resistente.

Para silos com 2 a 5 metros de largura, basta uma só fiada de pranchas na horizontal

que se prendem nos batentes da boca do silo.

Para os silos mais largos convém ficar no fundo escavados buracos na zona da boca para que se possam pôr postes verticais, que servem de reforço às tábuas horizontais.

O cálculo da área dos silos depende de:

- Número de animais a alimentar.
- Suas idades.
- Número de dias de alimentação.
- Ter em conta que no Verão deverão retirar uma camada de espessura de 10 centímetros.

U – AXDXQ

P

A – Número de animais.

D – Número de dias de alimentação.

Q – Quantidade de silagem por animal/dia em kilos.

P – Peso de silagem por m³ (600/700 kgs).

1. Valor da silagem:

Não há dúvida que uma das forragens que melhores condições tem para ensilar é o milho. Porque é rica em açúcar, tem bom teor em matéria seca e tem baixos valores de matérias azotadas.

É considerada por este facto um elemento insubstituível nas explorações agro-pecuárias, encaminhadas no sentido de produção intensiva de leite ou carne. Com esta consegue-se um bom alimento para o gado, permitindo um modo de alimentação mais económico, reduzindo o consumo de alimentos concentrados de elevado custo, bem como solucionar problemas de deficiências alimentares que vão surgindo em diversos períodos do ano. Esta modalidade permite tirar do milho para silagem o máximo das suas potencialidades.

Se compararmos a produção de 50.000 kgs. de silagem verde com uma produção de 5.000 kgs. de milho em grão produzidos na mesma área, os valores em U.F. serão em condições normais de colheita e conservação a grosso moso, os seguintes:

- Milho silagem – 10.000 a 12.000 U.F.
- Milho grão – 5.000 a 6.000 U.F.

Dada esta realidade, não há dúvida que o criador de gado leiteiro ou de carne não terá a dificuldade em fazer uma opção de grande interesse económico para a sua exploração.

2. Data da colheita:

É-nos dada pela altura em que a planta inteira tem a maior percentagem de matéria seca e que permite aos animais um melhor aproveitamento.

Isto acontece quando o grão se apresenta

pastoso-duro, isto é, quando se mete a unha ele não deita leite. Na prática pode também identificar-se com alguns conhecimentos práticos, por exemplo:

- Quando o folheto (camisas) começam a secar e a ficar amareladas.
- Quando os grãos deixam de ser leitosos e passam a farinosos.
- E nas variedades dentadas é mais fácil pois verifica-se no início do aparecimento de depressão que caracterize o grão.

3. Colheita:

Chegado o estado óptimo de colheita como atrás dissemos, esta deverá ser feita o mais rápido possível usando os colhedores de milho-forragem próprios para as forragens altas e de colmos grossos, assegurando o mínimo de perdas no campo e a obtenção de uma silagem cortada em pequenos pedaços e o mais uniforme possível (do mesmo tamanho) se assim for o enchimento do silo é mais fácil e consegue-se meter mais silagem no mesmo espaço, além disso a conservação de silagem é melhor. Convém que as máquinas partam, o menos grãos de milho possível para evitar perdas e facilitar a digestão aos animais que irão consumir a silagem.

4. Máquinas de transporte:

As máquinas de transporte de forragem para o silo são os arrelados que devem ser puxados (rebocados) por outro tractor. Os atrelados devem ser basculantes e devem ter taipais altos de madeira, ou de rede e tapados na parte trazeira para evitar que a forragem caia para o chão.

6. Enchimento dos silos:

a) As paredes devem ser revestidas de plástico, o enchimento deve ser rápido, o máximo 3 dias.

Devem ser cheios em cunha para que a superfície exposta seja menor.

b) Assim pode-se ir tapando o silo por partes.

c) A forragem deve ficar acima da altura das paredes dos silos após o calcamento.

d) O calcamento e espalhamento de forragem deve ser feito utilizando um tractor com pé frontal, este deve ser feito com cuidado, pois daí depende a conservação de silagem.

e) A cobertura correcta dos silos é importantíssima para aumentar o período e as boas condições de conservação de silagem.

f) Deve ser feita com plástico e deve ficar presa ao nível do topo das aredes, evitando assim a infiltração de água para a silagem.

(Continua no próximo número)

DE APÚLIA

ESTRADA DA BONANÇA

A estrada da Bonança, pelo seu enquadramento paisagístico, e pela facilidade de ligação a Fão e Esposende, é, de há muito, uma via de comunicação de grande movimento motorizado. Mas não só. Também todos os dias são muitas as pessoas que fazem aquele percurso a pé, de Apúlia para Fão, ou de Fão para Apúlia.

No Verão, essa estrada é um autêntico roteiro dos turistas estrangeiros hospedados nos hotéis da zona de Ofir, que preferem a cozinha "regional" dos restaurantes de "Cedovem".

Não é raro, vê-los, às vezes as dezenas, a fazer esse trajecto, sempre a pé.

Há um ou dois anos, a Câmara de Esposende melhorou substancialmente o piso dessa estrada e construiu passeio para peões, pela parte poente, até próximo da "Lírios", uma discoteca que não sobreviveu à concorrência das "boites" onde se pode comprar (ou vender) mais alguma coisa...

Pode dizer-se que esse melhoramento se confinou à soberania das terras de Fão, nessa primeira fase.

Pois agora, e esta é uma boa notícia para uma terra que terá andado um pouco esquecida, já se está a prolongar esse passeio até à zona das "Pedrinhas".

Possivelmente o piso, à semelhança do que se verificou na tal primeira fase, também irá ser melhorado.

Dentro de algum tempo já o trânsito de peões, entre Apúlia e Fão, por essa estrada, será feito com mais comodidade e também

com mais segurança. E o trânsito motorizado sem o barulho incomodativo e desgastante dos pisos irregulares, como acontece na situação actual.

MUDAM-SE OS TEMPOS.

Há anos, quando da construção do centro Social João Paulo II, cujo terreno não confinava com a estrada, foi convocada uma Assembleia de Freguesia para deliberar sobre o pedido dos responsáveis dessa construção, que pretendiam autorização para o levantamento do muro de vedação uns míseros metros mais próximo dessa via de comunicação.

O Centro Social João Paulo II tinha, e tem, como se tem vindo a verificar, uma vertente social de razoável dimensão.

Essa terra de ninguém serve agora de estacionamento automóvel, e tem sido de grande utilidade nos meses de verão.

Agora, sem pedidos nem assembleias, por quem apenas tem como finalidade o negócio e o lucro, arrajam-se entradas para loteamentos, e ocupa-se terreno, que se diz ser público, sem contrapartidas para a freguesia.

As contestações não casam bem com a timidez e educação do povo de Apúlia, estranhamente acomodado e confiante.

E, desse comodismo e laxismo inconsciente, alguns que não são de Apúlia, nem naturais nem residentes, vão aproveitando para expandir os seus domínios...

GRUPO DESPORTIVO DE APÚLIA

Ainda bem que nos enganamos. Contrariamente ao que deixamos implícito na notícia com este mesmo título, no último número deste mesmo jornal, o nosso

representante desportivo continua com vida, apesar dos precalços.

Não serão muitos, mas ainda há por aqui alguns bons "médicos", homens responsáveis, bairristas e sacrificados. O pior vai ser quando eles, no seu pleno direito, se "reformarem"...

Pode ser que desta juventude toda que agora integra os seus Corpos Directivos, "nasçam" alguns que também sejam capazes de sacrificarem uma boa parte da sua vida social e familiar nesta cruzada de servir a terra em lugares que não dão "tachos" nem "penachos".

Presidem aos Órgãos Sociais do Clube, na Mesa da Assembleia Geral, o Padre Manuel Casado Neiva, Pároco de Apúlia, à Direcção, Manuel Correia Gomes Deveza, e ao Conselho Fiscal, Floriano da Conceição Ribeiro. Fazem ainda parte da Assembleia Geral, Albino Lage Azevedo e Zacarias Souto Morim Angeira, da Direcção, Manuel Boucinha Fernandes, António Casado Neiva, Manuel Almeida Boucinha, José Manuel Deveza Magalhães, Emílio Moreira dos Santos Dias, Agostinho da Silva Martins, Manuel Alexandre Queiroga Gomes, Manuel António da Silva Trindade, Adelino Filipe Fernandes Eiras, Pedro Iguel Cardoso Pereira da Fonseca, Fernando Ribeiro Casais, Vasco Sérgio Hipólito Moreira, Filipe Manuel Rodrigues Queiroga e Emílio Ribeiro Casais e do Conselho Fiscal, José Joaquim Neves Escrivães e Joaquim Gonçalves da Costa.

O Grupo Desportivo de Apúlia que adiou o seu primeiro jogo com o Forjães, jogou no dia 6, com o Ninense, em casa deste.

O responsável técnico do Apúlia, é o nosso conhecido "Russo", que foi atleta do Fão, de onde é natural, e do Gil Vicente, e que como treinador principal ou como adjunto, já treinou algumas equipas, até de escalão bem superior ao nosso.

O CASAL VENTOSO EM FÃO

Um jornal de Esposende, pela mão com certeza do seu correspondente em Fão, comparou a Rua Amorim Campos, de Fão, ao lugar de Casal Ventoso, em Lisboa, em termos de consumo e venda de droga.

A notícia sendo parcialmente verdadeira, não mereceria o empolamento que lhe é dado, uma vez que Fão ou o que se passa em Fão a respeito de droga não é diferente do que se passa nas restantes partes do concelho. E de modo algum se pode comparar o negócio que existia no Casal Ventoso com as transacções que se verificam na citada Rua Amorim Campos. O mesmo se diga com os viciados da droga existentes na terra. Serão mais de 5%? Dizem-nos que mais de 10% não são de certeza. Portanto não é caso para alarmismos especiais. São conhecidos os jovens fangeiros que se deixaram contaminar pelo terrível vício. São mesmo apontados a dedo e a sua conduta é exerada e lamentada por outros jovens "sãos" que constituem de longe a maioria.

Resumindo: Fão não é um caso especial de consumo e venda de droga.

SINAIS DE TRÂNSITO

A pouco e pouco a população local vai-se conformando com os sinais de trânsito que foram colocados nas ruas de Fão e que de certo modo disciplinou o trânsito na terra. Consequentemente o sentido único imposto na Rua Azevedo Coutinho veio para ficar.

Em nosso entender, seria importante colocar um sinal de sentido proibido à entrada da Rua Azevedo Coutinho a partir da Avenida dr. Manoel Paes. O sinal de sentido obrigatório colocado no prédio da Rita Figueira não chega. Por seu lado, os carros que surgem da travessa da R. Azevedo Coutinho e desembocam no largo da Senhora de Fátima não veem qualquer sinal que os impeça de voltar à direita, no sentido Fão/Póvoa.

Já aquele "trânsito proibido" colocado ao início da Rua Capitão Larcher não nos cai no goto.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade
"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

“O NOVO FANGUEIRO” E AS FLORES

Mais belo ramo de flores,
Jamais podia encontrar,
Com perfume e muitas cores,
Para a mesa embelezar:

Boas-noites, a saudade,
A rosa e o bem-me-quer;
O amor – a flor da amizade –
E ainda o malmequer.

A flor-de-lis – a realiza –,
E presente a sempre-viva;
A açucena é pureza,
A margarida, festiva.

A violeta é humildade,
Mas perfumada a valer;
Seu perfume, na verdade,
Inebria a um qualquer.

Doze flores ele tem
Este amigo mensageiro...
Uma dúzia de anos tem
O nosso “Novo Fanguero”!

Estas flores simbolizam
Algo do nosso Jornal,
Mas as glícínias realizam
A subida triunfal.

Têm estas belas flores
Suas folhas cor da esperança,
Que transmitem aos leitores
A mais firme confiança.

O nosso “Novo Fanguero”
Nasceu com muita coragem;
Sempre alegre, prazenteiro,
Bem longe leva a mensagem.

Fala de tudo um pouco:
Notícias boas e frescas;
A progredir, é um louco,
Com mensagens pitorescas.

FLORINDA ALMEIDA

XII ANIVERSÁRIO DE
“O NOVO FANGUEIRO”
11 de Maio de 1996

ERRO DE INFORMAÇÃO

No último número deste jornal demos a notícia que a nossa conterrânea Emília Gonçalves Vasco já não pertencia ao número dos vivos. Fomos mal informados por três pessoas.

É verdade que esta conterrânea foi submetida a melindrosa operação cirúrgica, que esteve entre a vida e a morte, mas sobreviveu. Está na sua casa das Pedreiras, na companhia do marido e filhos. Já voltou o apetite, come razoavelmente, em suma está vivinha, o que nos dá muita alegria.

Por muito tempo, Emília.



PREDIFÃO

Compra e Venda de Propriedades

Av. Dr. Manoel Paes, 2
Telef./Fax (053) 982730 • 4740 FÃO

PIZZERIA – CREPERIA – GELATARIA

One Way

TAKE AWAY – ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO – ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE – TELEF. (053) 961666

© NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Av. Dr. Henrique de Barros Lima, n.º 201 – 4740 FÃO
0931.235810

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII – Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de “O NOVO FANGUEIRO”
Anual..... 1000\$00

A cobrança de “O Novo Fanguero” através dos Correios será por conta do assinante.



GABINETE
DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, L.^{DA}

SOL/96
NOVIDADES
EXCLUSIVOS

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

O dia tombou pardacento e quente. Dantes, gostava mais desta antecâmara de Outono.

De que gosto agora?

Talvez da minha solidão e deste jogo engraçado de me dividir em duas e ter, então, dentro de mim, a minha própria amiga.

Mas o jogo não dá o resultado esperado pois, como é fácil verificar, a outra parte de mim responde pelo meu sentir, pela minha opinião.

Tenho de arranjar outro jeito.

Estou triste; estou numa tremenda encruzilhada e é noite. É quinta-feira.

Sábado vou a um casamento de um amigo.

Vou porque tenho que ir, mais nada.

A **pre-percepção** é doentia, um pouco fazer um "fretzinho". Mas a minha metade está aqui a segredar-me que, no meio de tanta gente, talvez encontre alguém que me divirta.

É muito optimista e mais racional, esta minha amiga, metade do meu todo!

A ver vamos.

Lá que precisava de uma festa, precisava. Mas informal, alegre, cigana.

Tenho uma alma cigana, errante, fugidia mas que, tal como os verdadeiros, volta sempre ao "acampamento".

O meu acampamento melhorou: tem, finalmente, um computador e uma impressora, sonho acalentado pelo Fernando. Andamos a aprender.

O nosso neto diz que "tu, Avó, já não tens cabeça", e eu começo a acreditar que aqueles "seis anos" terroristas falam verdade.

Também não me tenho aplicado. Sou tão distribuída, meu Deus!

Mesmo esta crónica: trabalhá-la, borilá-la, refundi-la? Não. Não é comigo.

Por temperamento (vou sempre atrás da emoção) e pela tal distribuição de tarefas.

Agora uma nota de "possível" humor: rádio aceso, ouço no noticiário da manhã que D. Duarte... já se atreveu novamente.

O bebé nascerá. Comecei a rir abanei o Fernando.

— Ora (diz ensonado), não é nada que muitos plebeus não o tivessem já feito...

A começar por nós, confesso-o, agora, à distância...

Episódios de Sempre

Por MARIA ROSÁLIA

Há dias, alguém me disse que eu só gosto de contar coisas do passado. Tem razão a senhora que o disse.

Não gosto de falar do presente, pois ao falar do aqui e agora, há sempre a possibilidade de ferir a susceptibilidade de alguém.

E neste trecho que hoje escrevo talvez isso possa acontecer. No entanto a intenção não é essa. Apenas quero desta modesta maneira enaltecer as qualidades profissionais de alguém.

E neste episódio que vou descrever, queria começar por falar daquele trecho do Evangelho, que já há muito tempo não ouço narrar, mas que com certeza quase toda a gente já ouviu no evangelho da igreja, e até leu nos livros de leitura da escola do meu tempo.

Certo homem, quando se dirigia a uma certa cidade, foi assaltado pelos malfeitores que depois de o despojarem de todos os bens materiais que levava consigo, o maltrataram, o espancaram, deixando-o muito contundido na berma da estrada.

Passou por ali um sacerdote que ao ver aquele homem gravemente ferido, afastou-se para o lado oposto e seguiu o seu caminho, sem lhe prestar qualquer tipo de socorro. Passou a seguir um levita, ou seja um ajudante de padre (a quem nós chamamos hoje sacristão) que virou a cara para o outro lado e também não tentou socorrer aquele pobre homem.

Passou porém, um Samaritano, que era uma gente que tinha fama de agnóstica (que não liga à religião) e ao ver aquele homem na berma da estrada tão maltratado, apiedou-se dele, pô-lo em cima do seu jumento e levou-o à estalagem mais próxima para que lhe dessem uma cama, tratassem dos ferimentos e lhe prestassem toda a assistência possível.

Deixou-lhe certa quantia em dinheiro e disse que caso o dinheiro não chegasse, daí a dias voltava a passar naquela terra e pagaria o que faltasse.

Ontem como hoje a história repete-se.

Vem isto a propósito de um caso passado há cerca de 2 anos. Um casal, tendo o seu filhinho de 4 anos adoeceu inesperadamente, na sua aflição lembrou-se de ir bater à porta do médico ou médica de família pois como tal estava mais dentro dos problemas da criança. Porém essa pessoa com um ar indiferente e insensível, negou-se completamente a acudir ao menino doente e acalmar aqueles pais aflitos.

De nada valerem os rogos, os pedidos de ajuda. Aquele coração seco e indiferente, manteve firmemente o seu não.

Aflitos, os pais lembraram-se de bater à porta de um casal de médicos, que por sinal nunca tinha prestado assistência àquela família.

Pois bem, o referido casal abriu-lhes imediatamente as portas, levou aqueles pais e aquela criança doente para o melhor aposento de sua casa, deitaram o doente no sofá, auscultaram-no e medicaram-no de imediato, pois precisava urgentemente de tomar um remédio.

Como a história do bom Samaritano, mais uma vez, a história repetiu-se.

A primeira pessoa, profissional de medicina, muito religiosa (como o padre da história do bom samaritano), dura e impiedosa, bem deixava morrer a criança. Tal e qual como o padre da narrativa evangélica.

O segundo médico, que todos os fangueiros conhecem, não frequenta a igreja, não é católico praticante, porém, teve coração, piedade, sensibilidade para socorrer aquela criança e sossegar aqueles pais aflitos.

Interrompeu o seu descanso ou os seus afazeres para socorrer o próximo. Choca esta atitude de frieza e indiferença do(a) primeiro(a) que vai contra toda a ética e toda a moral.

Que é feito do juramento de Hipócrates?

Jura-se falso, ou o mesmo já passou de moda?

Quanto aos segundos, só tenho de louvar. Obrigada Dr. Zé Albino e Ex.ma Esposa. Essa é que é a verdadeira religião. É no amor ao próximo que está o amor de Deus. Estes últimos é que são os verdadeiros médicos.

Enquanto os que procedam como o primeiro, não passam de meros funcionários públicos.

Perdida no Tempo

*Perdida no tempo!... Sonhadora louca
Por entre a bruma, que na terra cai,
Chamo pelo tempo!... E a voz fica rouca
Abafando o grito que da alma sai.*

*Por favor, ó tempo!... Volta atrás no tempo!...
Em que era jovem, e era criança!...
Mas o tempo impiedoso, não ouve o lamento
E fico no tempo, perdida, sem esperança.*

*Peço ao tempo que pare!... Com todo o fervor
Inda ontem era hoje!... E do tempo não sei!...
Levou-me quimeras, e tudo em redor
Enredada no tempo, mãos vazias fiquei!...*

*Como esparge cinza! Louco pensamento!...
Que o vento agreste, p'ra longe varreu.
Tudo foi passando!... Com o cruel tempo
Só deixou saudade!... Neste peito meu.*

*Mas ó tempo, vê!... Já não tenho tempo!...
E o tempo inclemente!... ri com ironia
Pára e olha, vê meu sofrimento!...
Cruel e malvado!?... Inda mais fugia.*

Maria Rosália